

MASCULINIDADES E PATERNIDADE(S): UM ESTUDO SOBRE A COMPOSIÇÃO PATERNA NA IDENTIDADE MASCULINA

Gleissiano Ruan de Freitas¹
Isaias Batista de Oliveira Junior²
Michele Golam dos Reis³

RESUMO: Este trabalho trata-se de uma investigação que questiona as paternidades enquanto elemento essencial na construção social das masculinidades. Com isto, sondamos o episódio *Ausência Paterna* produzido e compartilhado pelo *podcast Memoh*, no qual os interlocutores utilizam as suas experiências pessoais para problematizar a figura paterna que tiveram na infância. Objetivamos, assim compreender como a formação masculina, que diz o que é permitido ou não, influencia a forma com a qual os homens se relacionam com a sua própria paternidade, percebe-se então que os homens são educados a não realizar a manutenção de seus sentimentos, pois isto os tornaria "menos homens", o que se torna o reflexo de suas relações com seus filhos, a partir do momento em que os afetos não são demonstrados. Conclui-se, que estar presente no cotidiano da criança não é sinônimo de afetividade com ela, sendo possível visualizar a ausência.

Palavras-Chaves: Estudos feministas; Masculinidades; Paternidades; *Podcast Memoh*.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre as masculinidades é um campo recente nas pesquisas sobre as relações gênero, começando a ser pesquisado a partir das conquistas e indagações feitas pelos movimentos feministas, na qual, põs em xeque a suposta superioridade masculina presente no discurso patriarcal, que colocar os homens como seres biologicamente superiores, por não demonstrarem sentimentos que transmitam “fraquezas”, haja vista que como colocado por Soraya Barreto Januário, 2016, p. 75,

É importante reconhecer que foi através do discurso feminista que as relações de gênero puderam obter relevância no debate acadêmico, já que, através de tal discurso, a problemática (e derrocada) do dualismo masculino/feminino tomou uma posição de destaque no âmbito do debate sobre o gênero.

Sendo assim, as masculinidades trazem uma problemática ainda menos explorada que é o conceito de figura paterna e as suas particularidades, e principalmente a influência das ditas formas de “ser homem” que no caso aqui analisado trata-se da “forma de ser pai”, no singular, uma vez que o sistema patriarcal a partir do momento que aceita uma forma do homem agir em

¹ Mestrando e bolsista CAPES DS, filiado ao programa de pós-graduação em Educação – UEM. E-mail: pg405878@uem.br

² Pós doutor em Educação, atualmente é professor do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ibojunior@uem.br

³ Mestranda no programa de pós-graduação em educação – UEM. E-mail: michelegolam2008@gmail.com

sociedade, rejeita e marginalizada todas as outras, neste sentido a masculinidade dentro deste sistema dominante nas sociedades, preza pela homogeneidade e hegemonia, excluindo as diferentes formas de exercer as masculinidades.

Assim, o trabalho que segue, trata-se da ampliação de uma pesquisa realizada com amparo da Universidade Estadual de Maringá e da Fundação Araucária, intitulado *Como podemos debater masculinidades com os homens? Uma análise do podcast memoh*, efetivada entre os anos de 2021 e 2022, sob a orientação da professora pós doutora Eliane Rose Maio, na qual, analisamos 15 episódios do referido *Podcast*, incluindo o presente *Corpus de Análise*.

Neste sentido, o atual escrito, trata-se da problematização do que se espera de homem quando esse se torna pai, a partir do estudo do episódio do *Podcast Memoh* chamado *Ausência Paterna*, publicado em fevereiro de 2019, disponível na rede social de compartilhamento de áudio *Spotify*.

Episódio esse que problematiza como a falta de uma referência paterna influencia no desenvolvimento e nas ações dos homens, em essência quando tais corpos masculinos atingem a vida adulta, e saem do espaço de apenas filhos para o de pais, e/ou para potenciais figuras paternas para crianças que sofrem tal ausência.

Objetiva-se assim, averiguar a influência que a ausência paterna exerce na construção das identidades masculinas e como tais homens são ensinados a demonstrar as suas afetividades.

METODOLOGIA

No que diz respeito as pesquisas que têm como base as análises de *Podcasts*, estas são raras, uma vez que esta mídia digital é recente e a sua popularidade se deu com o crescente número de usuários de internet, que buscaram uma forma de receber informações, enquanto realizavam outras tarefas, como dirigir, por exemplo.

Neste sentido, O *Podcast* enquanto meio de transmissão de ideias é eficaz por não exigir um tempo a parte, uma vez que dos cinco sentidos humanos, precisa-se apenas da audição para consumir tal mídia, e compreender as ideias que se quer passar.

Assim, não localizamos uma metodologia própria que fosse consenso entre os pesquisadores da Educação que trabalham *Podcasts*, o que nos fez optar pela análise de conteúdo, junto ao referencial teórico propício a tema das masculinidades e paternidades.

Volta-se, o olha para o quarto episódio do *Memoh*, que foi publicado em 2019, na qual discute-se a ausência paterna com base nas experiências individuais de cada participante, tal tema é debatido ao longo de pouco mais de quarenta minutos, no qual os homens compartilham a suas memórias de infância ao mesmo tempo que debatem o impacto que as suas respectivas figuras paternas tiveram ou têm em suas vidas, enquanto adultos.

O que nos despertou interesse a estudar, baseados nessa discussão, qual o papel que as paternidades exercem na vida do sujeito masculino e o que a sociedade espera (ou não) de um homem, para este ser considerado um “bom pai”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notável a dificuldade dos homens em demonstrar afeto, pois como colocado por Maria Somerlate Babosa (1999), os homens socialmente considerados viris são aqueles que se distanciam de comportamentos historicamente construídos como exclusivos as feminilidades, como é o ato de chorar, demonstrar emoções em público entre outras atitudes.

Algo perceptível a nós, após o estudo dos discursos presentes no episódio é o distanciamento afetivo que os filhos possuem em relação aos seus pais, mesmo os que conviviam diariamente com os pais se sentiam abandonados por eles, assim, trata-se não apenas de um distanciamento geográfico, mas de uma distância criada pela falta em evidenciar afeto.

Isto pois, segundo Michel Kimmel (1998), a masculinidade hegemônica é o ápice de virilidade que os homens buscam alcançar, e para isso não se pode demonstrar seus afetos, angústias, medos, pois tais marcadores não são considerados como caracterizas normais a ele, uma vez que o patriarcado espera dos corpos masculinos a violência, a força, e o distanciamento de seus sentimentos.

O oposto, do esperado das mulheres que são mães, uma vez que essas, dentro desta lógica, devem ser abdicadas de seus desejos em prol de seus filhos e ainda fornecer o amparo sentimental necessários para o seu desenvolvimento.

Assim, a figura paterna se diferencia da figura materna, pois desta última é cobrado zelo, abnegação e o afeto incondicional, enquanto pai é visto como o ser que provem o sustento de sua prole sem ter que nutrir vínculos afetivos, algo que é ensinado aos seus filhos, que quando crescem reproduzem a ausência da qual foram vítimas, ao mesmo tempo que a sociedade não

apenas aceita esta toxidade nas relações parentais como também as toma como algo natural ao homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, nota-se que o abandono paterno, muitas das vezes não acontecem no campo físico, mas sempre ocorre no afetivo, haja vista que, uma criança pode ver o seu pai todos os dias, mas sente a carência de ver os sentimentos sendo expressos por ele.

Os homens, assim, seguem rumo ao ciclo de (re) produzir as suas relações de forma tóxica, perpetuando a frase “homem não chora”, afastando-se assim de características femininas que são proibidas aos homens expressarem, tornando-os afetivamente indisponíveis aos seus filhos.

O que nos faz refletir o quanto temos que criar pontes de diálogo com os homens sobre as suas próprias masculinidades e sobre seus afetos, e que tais sentimentos não tratam-se de fraquezas, mas sim, da manutenção de vínculos importantes.

Reforçando a ideia de que o “ser pai” vai além da biologia, ter relações sexuais, e de fecundar um óvulo, sendo uma relação constante que gera impacto na vida de seus filhos, muitas das vezes criando ciclos de repetição onde será reproduzido que outrora foi ensinado de pai para filho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria José. Chorar, verbo transitivo. Cadernos Pagu. Iowa, n.11 p.321-343, 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51279>. Acesso em: 28/11/2019.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Masculinidade: historicidade, pluricidade e construção. In: Masculinidade em (Re)construção: gênero, corpo e publicidade. Covilhã: LABCOM.IFP, 2016. P. 79-151. Disponível em: <http://www.labcomifp.ubi.pt/livro/263>. Acesso em: 28/11/2019

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos – corpo doença e saúde. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, p.103-117, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.